

Resenha

JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, 211 p.

Se as políticas de multiculturalismo têm um lado positivo de apoiar a diversidade cultural, tornando legítimas as pretensões de grupos sociais minoritários a terem sua cultura respeitada em contextos em que os grupos predominantes poderiam excluí-la ou enquadrá-la como “esquisita” ou “inferior”, por outro lado podem também servir para apenas multiplicar indefinidamente as diferenças, ignorando a experiência histórica das sociedades com a interseção de culturas.
(JOBIM, 2013, p. 75)

De maneira multifocal e exemplar, a questão da transnacionalidade e da transculturalidade é aqui explorada, realizando e inspirando possibilidades de ultrapassar a tradicional visão do nacionalismo literário.

Em *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*, José Luís Jobim oferece o resultado de anos de pesquisa e reflexões acerca das trocas e transferências literárias e culturais, em suas relações com a história da literatura. O livro é estruturado em dez capítulos, alguns dos quais são reelaborações de reflexões anteriores.

Sem perder de vista as categorias “imitação”, “autonomia” e “originalidade”, que seriam importantes na construção de uma identidade nacional, o crítico questiona, no capítulo “O passado na história literária: modos de ver”, o lugar-comum, dentro da historiografia literária, que sugere que o Brasil teria passado de uma fase de “imitação”, na época colonial, para outra de “criação”, a partir do Romantismo, deixando-se de perceber também as sincronias existentes na produção literária e o contexto de recepção de uma determinada obra ou movimento.

Analisando a “Percepção do ‘novo’ na literatura do século XX”, Jobim observa não só as diferenças, mas os pontos em comum entre os formalistas russos e os teóricos alemães da Estética da Recepção, já que ambos valorizavam a *desautomatização* do hábito. Também defende o discernimento de visões contrastantes sobre o mesmo tema, como as posições de Marinetti e de Karl Vossler sobre o Futurismo italiano, revelando a intrincada dialética da identidade *versus* a alteridade, ou da imanência do passado no presente.

Do terceiro ao sexto capítulo é abordada a questão da identidade em vários níveis: nacional, racial, linguístico, religioso e cultural. Discute-se, entre outros temas, desde os

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 16	n. 26	p. 223-224	Recebido em: 31 mar. 2014. Aprovado em: 29 jul. 2014.
--	----	-------	-------	------------	--

diferentes graus de intervenção do sujeito na escolha ou impossibilidade de escolha de sua própria identidade às concepções essencialista e construtivista de identidade nacional; desde o perigo do Estado tanto em realçar quanto em reprimir a diferença até as políticas de multiculturalismo; desde a expressão “cor local”, que teve Machado de Assis como um dos debatedores mais conscientes da questão da nacionalidade, até os chamados “blocos transnacionais”, formados seja por razões linguísticas, culturais ou econômicas, como América Latina, Mercosul e União Europeia.

Já o sétimo capítulo, como o próprio autor indica em sua introdução, seria uma espécie de “estudo de caso para teorização desenvolvida no capítulo anterior” (JOBIM, 2013, p.13), pois trata de um fenômeno transnacional que foi a Arte Postal, ou *Arte-correo*, ou ainda *Mail art*. O recorte do crítico está nas chamadas revistas-coletâneas (*assembling magazines*), partindo do depoimento dos editores dessas publicações.

Os três últimos capítulos têm como centro a figura de Mário de Andrade, um dos artistas que melhor simbolizam o intelectual em seu consciente papel de agente e debatedor de trocas e transferências literárias e culturais. Aí são registrados tanto a riqueza crítica de Mário, seja em sua correspondência seja no balanço que faz do Modernismo em 1942, quanto os caminhos da personagem transnacional Macunaíma/ Makunaima.

Todas essas discussões extremamente importantes e aprofundadas que faz o autor devem ser lidas e pensadas em sua completude, pois esses ligeiros apontamentos nunca poderiam dar conta da complexidade do livro. Por isso, é importante que o leitor se aproprie de sua obra, já que, nas palavras de Mário de Andrade a Drummond citadas por Jobim: “O livro não faz que apressar a apropriação do que é da gente” (ANDRADE, 1924, p. 116).

Assim, essa apropriação, devidamente sinalizada, desse livro de José Luís Jobim, ao mesmo tempo prismático e penetrante, deverá torná-lo uma das referências básicas na discussão hodierna a propósito de trocas e transferências, de nacionalização e de transnacionalização cultural.

Adriana Dusilek, Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/ASSIS/PNPD-CAPEL. E-mail: adrianadusilek@uol.com.br.